

VINHO E CULTURA ITALIANA: ASPECTOS PRESENTES NA PAISAGEM RURAL DE NOVA PALMA, RS, BRASIL

WINE AND ITALIAN CULTURE: ASPECTS OF GIFTS IN RURAL LANDSCAPE
NOVA PALMA, RS, BRAZIL

Vanessa Manfio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutoranda em Geografia

nessamanfio@gmail.com

RESUMO

O vinho é um elemento importante da cultura italiana, pois permite a associação da identidade e memória coletiva, resultando em paisagens repletas de nostalgia e materialidade. No Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, a colonização italiana contribuiu para o aparecimento de várias paisagens vitícolas, já que o vinho é um elemento identitário deste povo. Dessa forma, este artigo apresenta uma reflexão sobre a cultura italiana e a paisagem vitícola presentes no espaço rural de Nova Palma, objetivando analisar o vinho como elemento da paisagem e da cultura italiana do povo deste espaço, através da abordagem da pesquisa qualitativa com realização de entrevistas semi-estruturas e revisão de literatura. Pretendendo assim, contribuir para as discussões sobre a cultura italiana, paisagem e o vinho. Os elementos ligados ao universo do vinho estão presentes na paisagem rural de Nova Palma - RS, cuja tradição e sentimento de pertencimento a cultura italiana são fortemente visíveis nos moradores do local através das formas espaciais, valores e hábitos. Neste município os vinhedos centenários, herança da colonização italiana, dividem espaços com novos cultivos de videira e com a fabricação artesanal do vinho.

Palavras - chave: colonização italiana; espaço rural; identidade.

ABSTRACT

Wine is an important part of Italian culture, because it allows the combination of identity and collective memory, resulting in landscapes full of nostalgia and materiality. In Brazil, especially in Rio Grande do Sul, the Italian colonization contributed to the emergence of several wine-growing landscapes, since wine is an identity element of this people. Thus, this article presents a reflection on Italian culture and wine landscape present in the rural areas of Nova Palma, aiming to analyze the wine as landscape element and the Italian culture of the people of this area, through the qualitative research approach to conducting semi-structures interviews and literature review. Intending thus contribute to the discussions about the Italian culture, landscape and wine. The elements connected to the wine universe are present in the countryside of Nova Palma- RS, whose tradition and feeling of belonging to Italian culture are highly visible in the local residents through the spatial forms, values and habits. In this municipality the Centennial Vineyards, heritage of Italian colonization, share space with new vine crops and the artisanal manufacture of wine.

Key - words: Italian colonization; rural areas; identity.

1 – Introdução

No contexto contemporâneo os estudos sobre cultura e paisagem têm sido significativos, visto que as sociedades têm mantido a sua identidade frente aos avanços da globalização, formando regiões e paisagens repletas de significados e lembranças. As paisagens permanecem como verdadeiros redutos culturais.

Estas paisagens culturais são formadas, em muitos casos, pelo processo de imigração, no caso do Brasil, os imigrantes impregnaram no espaço artefatos e tradições que acompanham a população, desde a colonização até o presente momento. Nota-se que as antigas colônias de imigração formam hoje regiões culturais, como é o caso da Quarta Colônia de Imigração Italiana – RS (Quarta Colônia).

Na Quarta Colônia, especialmente em Nova Palma (município localizado na região central do Rio Grande do Sul) o elemento vinho é parte integrante da identidade e memória dos descendentes italianos que aprenderam com seus antepassados a cultivar a uva e realizar a produção do vinho, gerando um apreço pelos vinhedos e o hábito de tomar vinho.

Neste espaço é possível observar na paisagem rural novapalmense a presença de artefatos ligados ao universo vinícola como vinhedos, pipas, monumentos e também a representação do vinho em festas e no cotidiano familiar.

Assim, o presente artigo objetiva compreender a relevância da imigração italiana na incorporação da cultura do vinho e na formação de paisagens vinícolas, marcadas pela memória e identidade, no espaço de Nova Palma - RS.

Esta cultura e o vinho são marcas do espaço e estão presentes na vivência da sociedade e nas atratividades turísticas como festivais. O vinho tem uma importância cultural para o povo de Nova Palma e representa um ritual familiar de atividade e celebração, sendo artesanal e o comércio restrito a família e amigos.

Para cumprir os objetivos do presente estudo utilizou-se como suporte metodológico a pesquisa qualitativa que conduziu a aplicação de entrevistas semi-estruturadas, análise de material bibliográfico e trabalho de campo. Inicialmente foi consultada a bibliográfica que tratam da temática, a fim de permitir subsídios para a construção teórica do trabalho. Num segundo momento foram visitadas cinco propriedades do meio rural de Nova Palma

para aplicar entrevistas, coletar dados, materiais e fotos sobre o estudo. Foi possível, no trabalho de campo, acompanhar uma vindima¹ realizada numa propriedade. Por fim, analisou-se os resultados e materiais.

Para melhor entendimento do trabalho, a apresentação deste texto encontra-se articulada em três partes: a primeira de reflexão sobre a vitivinicultura e imigração italiana e a segunda de análise da cultura e a paisagem vitícola e por fim a discussão mediante a presença da cultura vitícola na paisagem rural novapalmense.

2- A vitivinicultura no Brasil e a imigração italiana

A imigração Italiana no Brasil, no século XIX, tem como cenário político-econômico a expansão da cultura do café no sudeste brasileiro associada à abolição da escravatura que implicava na perda da mão-de-obra trabalhadora. Além disso, na porção sul do espaço brasileiro havia a necessidade de garantir a posse do território. Estas duas conjunturas marcaram o interesse do Brasil na vinda de imigrantes estrangeiros para o território nacional.

Ao contrário do caso brasileiro, na Europa, a unificação da Itália e a emigração do país estavam juntas no mesmo contexto. O sul do país mantinha-se agrário e o norte industrializava-se. No norte, a maioria dos agricultores morava em vilarejos e plantavam em minifúndios. A colheita não era suficiente para alimentá-los e a maioria era obrigada a arrendar terras. O endividamento dos camponeses era geral e a fome era um grande problema, resultando na imigração. Já os artesões também não tinham empregos suficientes nas cidades que estavam em processo de industrialização. Aos pobres camponeses e artesões restava apenas abandonar o Velho Mundo e a emigração foi à solução (GUTIERREZ; GUTIERREZ, 2000).

Estes italianos saídos da Europa vieram ocupar terras no Rio Grande do Sul, constituindo colônias italianas, a primeira fundada pelo governo foi denominada de Conde d'Eu, atual município de Garibaldi. Na sequência, a segunda colônia foi fundada próxima da primeira com o nome de Dona Isabel, atual município de Bento Gonçalves e a terceira denominada Nova Palmira, atual Caxias do Sul.

¹ “A Vindima é o período de tempo na qual são colhidas as uvas e destinadas a se tornar vinho”. (RABACHINO, 2010, p. 168).

A medida que mais imigrantes se dirigiam para o estado, novas colônias eram fundadas, como é o caso da Quarta Colônia de Imigração Italiana (Colônia Silveira Martins). Conforme Manfio (2011) o quarto núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul foi fundado na região central do estado, distantes das outras três colônias italianas, a fim de ocupar terras devolutas e de mata virgem. Este núcleo recebeu o nome de Colônia Silveira Martins.

Na Colônia de Silveira Martins as primeiras turmas ficaram alojadas num barracão, na base da encosta do planalto, e posteriormente com a chegada de outros imigrantes, deram origem a vários núcleos interioranos que foram denominados de Núcleo Norte, Soturno, Arroio Grande, Nova Treviso, Vêneto (SAQUET, 2003).

Todavia, o desmembramento da Colônia Silveira Martins, segundo Bolzan (2011) resultou na fragmentação da colônia, diferentemente das demais colônias sul-riograndense, originando os atuais sete municípios que compõe a Quarta Colônia de Imigração Italiana: Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca, Silveira Martins, Ivorá, Pinhal Grande e São João do Polêsine.

Convém destacar que a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana não representa o mesmo recorte espacial da Região da Quarta Colônia de Integração formada pelo Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia, pois a última engloba outros municípios que não são originários da colonização italiana. Neste trabalho aborda-se, exclusivamente a Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Retomando, os imigrantes italianos trouxeram consigo tradições, elementos e sentimentos que ficam eternizados na paisagem da Quarta Colônia como afirma Manfio (2012) na paisagem da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana tem-se materializado sobre o espaço a cultura italiana percebida diante dos artefatos culturais como a arquitetura, as festividades, a culinária e os vinhedos.

Nota-se que a imigração italiana tem um papel muito importante na produção de vinho no Brasil, sobretudo, pois está ligada ao hábito cultural, tanto de fabricação como de consumo da bebida. Os imigrantes italianos tornaram a vitivinicultura uma atividade de expressividade comercial e econômica.

É oportuno salientar que a plantação de uva e a produção de vinhos foram inseridas no espaço brasileiro pelos colonizadores portugueses e espanhóis, dos quais posteriormente

a presença dos imigrantes italianos fomentou a atividade. Como aborda Falcade (2007, p. 225):

A videira foi introduzida no Brasil por Martin Afonso de Souza, em 1532, na capitania de São Vicente, atual estado de São Paulo. Em seguida foi cultivada nas capitanias de Pernambuco e da Bahia. No sul, a expansão esteve relacionada à presença espanhola e aos imigrantes italianos, no final do império e início da república.

Segundo, Bunse (1978) a vitivinicultura contemporânea no Rio Grande do Sul é marcada pela vinda dos imigrantes italianos que transformaram a produção vinícola e promoveram a expansão da atividade. A produção vinícola representava a identificação deste povo com sua cultura, destaca Lavandoski, Tonini e Barreto (2012, p. 225)

Para os imigrantes, o plantio da uva e a possibilidade de beber o vinho eram formas de identificação do povo, cujas raízes estavam na Itália, um país onde a tradição vitivinícola é bastante forte. A uva deixava de ser apenas um meio de subsistência para assumir o papel de elemento unificador e formador da identidade dos imigrantes instalados na região.

O vinho, inicialmente era produzido pela família, para o consumo da mesma conforme Duarte, Salamoni e Costa (2011) o vinho é um produto tradicional da cultura italiana sendo, inicialmente, a produção voltada somente para o autoconsumo, ligada à ideia de manutenção dos traços culturais herdados dos antepassados.

No entanto, com o passar do tempo o vinho começou a ser comercializado localmente como afirmam Duarte, Salamoni e Costa (2011, p. 212) que o fabrico do vinho,

[...] no início da colonização era feito artesanalmente pelos imigrantes e as cantinas estavam localizadas nos porões das casas. Esta produção começa a ser comercializada por viajantes, como produto artesanal. Destas relações comerciais, surge uma maior procura para este produto e o produtor visando ampliar a renda familiar busca novos canais de comercialização.

Então, num segundo momento começou as trocas de produtos com alemães e viajantes, cujo vinho era uma destas mercadorias. Posteriormente, com o desenvolvimento de tecnologia, criação de centros de pesquisa, associação de produtores de vinho e a vinda de empresas multinacionais, o vinho atingiu a categoria de mercado, sendo comercializado nacionalmente.

A expansão do capitalismo promove a industrialização do vinho e este produto adquire importância em escala nacional, tornando a região da Serra Gaúcha definida como produtora de vinho regional-nacional, isto é, uma indústria regional que atende as demandas nacionais (FALCADE, 2007).

Essa indústria de vinho expande-se para outras regiões do Brasil associado à forte comercialização no mercado brasileiro e mundial e aos incentivos governamentais, resultando em novas áreas produtoras de vinho. Para Falcade e Tonietto (1999) a produção de vinhos se expande atualmente por grande parte do Brasil, destacando o Rio Grande do Sul como referência de produção.

Nem todas as áreas de colonização italiana tiveram incentivos governamentais como a Serra Gaúcha, (dos quais a vitivinicultura assumiu um importante papel econômico regional), porém, a tradição de elaborar o vinho permaneceu presente nos espaços regionais e na vida destas sociedades, sendo o vinho para o consumo local e produzido artesanal. Em síntese, o hábito de vinificar a uva e beber o vinho faz parte da cultura italiana e os ensinamentos vitícolas são passados de geração em geração.

3 - Cultura e paisagens vitícolas

A cultura está associada às manifestações de uma população, seus valores, modo de vida, artefatos simbólicos e sentimentos. Para Claval (1999, p. 63), a cultura é:

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra.

A cultura imprime um comportamento e modo de vida aos grupos sociais com afirmação. Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, da arte e do trabalho. Este estilo próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos.

Nesta visão, a cultura é um elemento que gera ações e valores a um povo, e ainda são o modo de vida, os costumes de um grupo que cria um sentimento de pertencimento e identidade com o espaço e com os rituais sociais.

As relações de identidade e pertencimento são desenvolvidas, quando os sujeitos vão além da necessidade da apropriação de um espaço, quando desenvolvem ali valores ligados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, recriando seu espaço de vida, ao qual se identificam e se sentem pertencer (RAFFESTIN, 1993).

Na visão de Corá (2013) toda produção cultural é explicada pelas relações sociais (modo de vida, trabalho, religião, dialeto, entre outros), em que há representação das estruturas sociais. A identidade é o reflexo do próprio sentimento de pertencimento cultural, ela pode ser recriada a todo instante, tanto na perspectiva do indivíduo, quanto do local ou global.

Conforme Schneider (2003) a construção de uma identidade envolve a “construção de uma origem “histórica”, e que essa construção envolve também as origens míticas ou mitológicas e a “leitura específica” de determinados fatos históricos”.

Nesta perspectiva, os descendentes de imigrantes criaram uma identidade cultural nas regiões de colonização. Para Schneider (2003) os imigrantes formam um “culto à imigração”, fruto da visão positiva que os brasileiros têm da Europa, e para o fato de que a cultura do descendente de imigrantes aparece como diferencial daquilo que é considerado tipicamente brasileiro.

Na Quarta Colônia, afirmam Manfio e Benaduce (2010) os imigrantes italianos que aqui chegaram tentaram reproduzir suas identidades através da reprodução da língua na oralidade e na memória coletiva. Assim, o dialeto vênето, é destaque para ativar a memória histórica, a trajetória e os possíveis vínculos familiares, desde a região do país de origem, a Itália, assim como a gastronomia e a preservação do patrimônio cultural.

A formação de identidade dos grupos culturais, inclusive da Quarta Colônia, depende da legitimação de seus elementos culturais, da sua memória e da sua representação perante seus detentores e descendentes (CORÁ, 2013).

A identidade cultural pode servir de parâmetro para definição dos limites de uma região, pois os códigos de representação e a cultura dos grupos sociais são diferentes. A região integra espaços sociais e lugares vividos, constituindo um “conjunto com estrutura

própria” e se distinguindo de outras regiões, pelas representações, percepção dos habitantes e dos estranhos e pelos valores culturais (FRÉMONT, 1980).

Nas regiões culturais² é possível perceber na paisagem os elementos de diferenciação e da sociedade que se apropria do espaço. A paisagem é uma forma visível de perceber a cultura e suas representações, estando os dois conceitos interligados na dinâmica espacial, como Name (2010, p. 165) afirma “o conceito de cultura implícita ou explicitamente sempre esteve associado ao conceito de paisagem, [...]”.

Em Nova Palma, o sentimento de pertencimento e culto as tradições dos descendentes de italianos é passada de geração em geração, estando impressa na paisagem e na memória dos indivíduos.

A produção do vinho é um elemento de identidade e memória do descendente italiano. Assim como a paisagem construída com os vinhedos e cantinas formam um cenário cultural que imprime o sentimento identitário e a vivência.

É importante dizer que nas paisagens culturais italianas é visível que todas as casas, seja na cidade ou campo, têm videiras cultivadas em seus terrenos. A uva é mais do que uma fruta é uma representação da vida e da cultura (MANFIO; MEDEIROS, 2015).

Nessa concepção, pode-se conceituar e analisar a paisagem como uma organização de formas e artefatos presentes no espaço a partir da inter-relação de indivíduos. Assim, Santos (1996) afirma que a paisagem é o conjunto de formas dos quais, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza.

A expressão paisagem não pode ser entendida apenas pelos objetos visíveis, mas pela interação entre o concreto e o abstrato presente no espaço e percebido pelo observador, Berque (1998) diz que a paisagem não reside apenas no objeto e nem apenas no sujeito,

² As regiões culturais são recortes espaciais dotados de singularidade e simbolismos culturais impostos pela sociedade que habita e transforma aquele espaço, como as regiões de colonização italiana e alemã que formam verdadeiras regiões de materialização cultural. Ver mais em: BRUM NETO, H.; BEZZI, M. L. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, Dez. 2008.

mas na interação entre os dois. Isto revela que a interpretação da paisagem depende da percepção do observador e da história dos objetos no tempo - espaço.

Por conseguinte Cabral (2000, p. 41-42) entende que a “paisagem é uma fonte incessante de significação e uma vez acessível ao olhar e a mente toma-se guia para as ações e condutas humanas; não se trata de um horizonte fixo e estético, mas construído de movimento, valores e sentimentos”

Com isto, Duarte (2016, p.11) diz que “a paisagem carrega um caráter perceptivo em si, ou seja, a mesma é derivada da percepção que os atores sociais construíram historicamente, a qual confluí de forma direta na constituição de uma identidade”.

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e é moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta maneira, um documento-chave para compreender as culturas (CLAVALL, 2001).

No que diz respeito à paisagem vitícola, esta, em muitos casos, expressa à herança da cultura italiana materializada sobre o espaço através de elementos ligados ao vinho. Para Falcade (2006) há elementos nessas paisagens vitícolas que as tornam lugares com identidade e que imprimem aos produtos singularidade. O vinho contém, assim, o espaço e a paisagem do lugar onde foi produzido e, apreciá-lo, assim como observar uma paisagem vitícola, pode ser a expressão do prazer dos sentidos, constituídos a partir da memória e cultura.

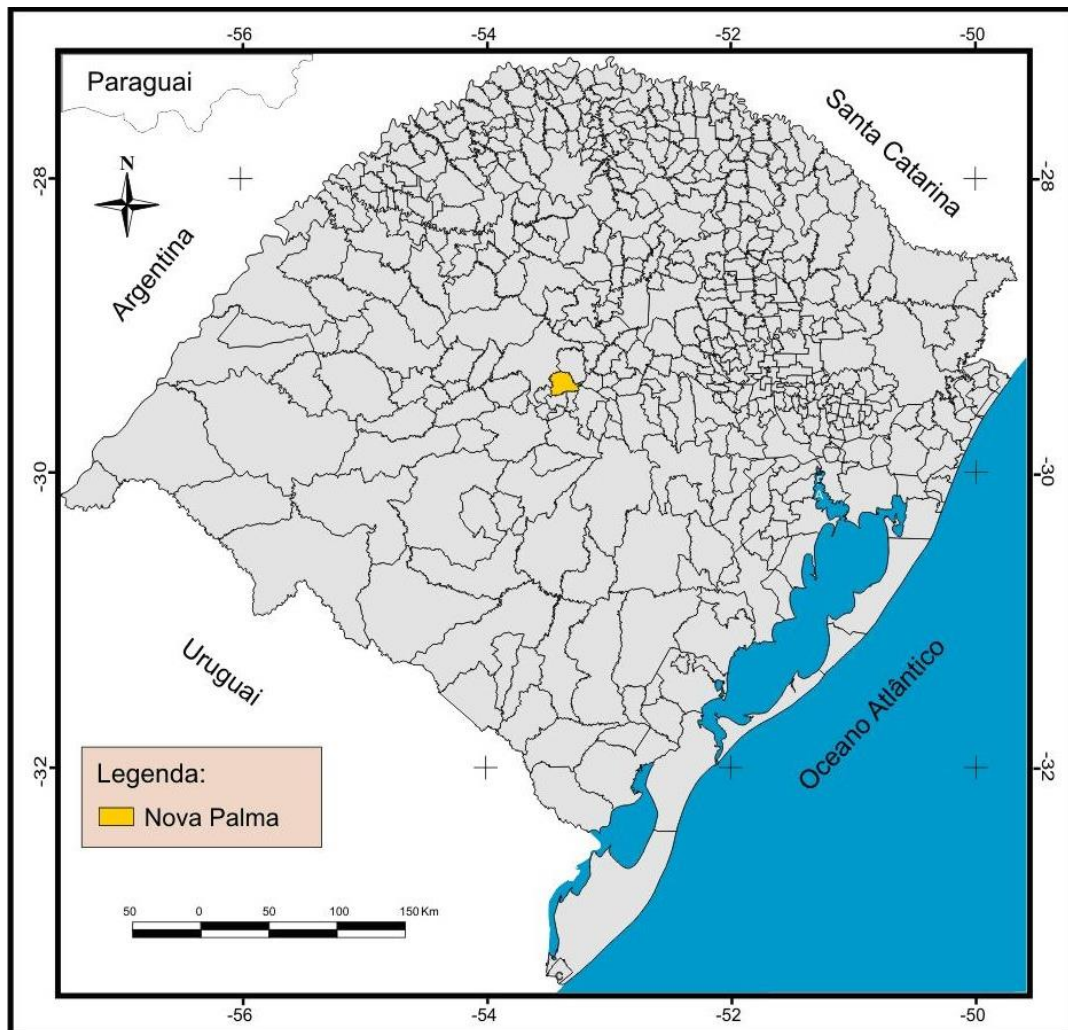
Ainda, Falcade (2006, p. 14) diz: “As paisagens vitícolas brasileiras têm o espaço como condição de existência e mais são resultado do trabalho, são testemunho da cultura, são expressão da identidade daqueles que as construíram”.

Sintetizando, a paisagem vitícola representa a cultura através do trabalho e dos artefatos simbólicos ali presentes, dos quais expressam a identidade cultural “embutida” no material visível, assim como a memória de um povo que atravessou caminhos de vida, mas manteve as suas origens. Ela é o resultado de um conjunto de formas espaciais ligadas ao mundo do vinho e dos sentimentos e trabalho com as videiras.

4 - Os vinhos na paisagem rural de Nova Palma – RS

Retomando as afirmações iniciais, a imigração italiana no Brasil formou várias regiões, inclusive a Quarta Colônia de Imigração Italiana, dos quais faz parte o município de Nova Palma – RS. Este município localiza-se na região central do Rio Grande do Sul, próximo a Santa Maria (Figura 1).

Figura 1- Mapa de Localização de Nova Palma



Fonte: IBGE, elaborado pelo autor (2011)

No município de Nova Palma desenvolveu-se a agricultura familiar baseada na policultura como destaca Manfio (2011) a colonização italiana do município de Nova Palma permitiu notoriamente, o desenvolvimento da agricultura familiar diversificada, dos quais corresponde, atualmente, como fonte econômica.

Além disso, a colonização italiana foi responsável pelo desenvolvimento das paisagens culturais e da incorporação de elementos deste povo no espaço novapalmense, como capelas, monumentos, vinhedos, construções de casas entre outras. Para Costa e Loreto (2013) a influência da imigração se faz sentir em todas as esferas da vida, seja nos costumes ligados à gastronomia, ao cultivo da uva e produção do vinho, à própria manutenção de um linguajar. A saga da colonização italiana, também, é materializada na forma da arquitetura, paisagens e costumes, que transmitem uma história e várias experiências de vida dos imigrantes e seus descendentes.

A cultura italiana no território rio-grandense criou inúmeras paisagens próprias com as características das tradições culturais, tentando reproduz nesta terra a Itália, lugar de origem deste povo (MANFIO, 2012). Entre estas paisagens culturais está a vitícola, formada pelos artefatos do cultivo da uva e produção do vinho, marcando o cenário novapalmense.

Em Nova Palma, assim como nos outros municípios da região, a produção do vinho não se estendeu para o mercado brasileiro, ficando restrita ao local com características: artesanal e familiar devido às distâncias com os grandes centros econômicos e as dificuldades de comércio nos primeiros tempos de colonização.

Segundo Saquet (2003, p. 169) “A produção do vinho permaneceu uma atividade artesanal doméstica, com as cantinas rústicas (geralmente eram feitas de pedras no porão/andar inferior das casas) e com trabalho manual e familiar, sem condições de concorrer no mercado em gestação”.

A produção do vinho nesta região permaneceu doméstica e local em virtude das dificuldades da ex - Colônia Silveira Martins como a precariedade nas vias e meios de circulação/comunicação, falta de capital, mercado local incipiente, ausência de instituições de melhoramento dos vinhedos (SAQUET, 2003).

Assim, a vitivinicultura em Nova Palma não adquiriu visibilidade comercial, mas passa a ser reconhecida pelos moradores como uma tarefa que os aproxima ao mundo de tradições de seus pais e avôs. Em muitas propriedades rurais novapalmenses, os vinhedos são antigos e vão sendo renovados de tempo em tempo. Existem vinhedos centenários plantados ainda no tempo da colonização italiana (Figura 2).

Figura 2 -Vinhedos da propriedade na Linha Três em Nova Palma



Fonte: registro de campo (2015)

Por outro lado, têm surgido novos vinhedos na paisagem rural do município reforçando as tradições italianas e ampliando a paisagem vitícola no local. Estes vinhedos são cultivados com técnicas tradicionais, pois seguem os conhecimentos adquiridos com os antepassados, embora apareçam outras cepas de videiras no espaço, diferentes da Isabel (videira dos vinhedos centenários). Nota-se no rural de Nova Palma uma bela paisagem repleta de vinhedos, demonstrando a identidade e memória destes habitantes.

Convém destacar que na região, em Silveira Martins, a Empresa Brasileira de Pesquisas Agrárias (Embrapa) tem implantado novas videiras, a fim de realizar testes, buscando o desenvolvimento de novas áreas produtoras de vinhos no Rio Grande do Sul. Assim, com o apoio da Embrapa e da incorporação de novas tecnológicas e videiras a região pode vir a produzir vinhos para atender o mercado regional/nacional. A região apresenta tradição vinícola, porém faltam investimentos e incentivos governamentais para o desenvolvimento da vitivinicultura comercial desta região, inclusive em Nova Palma.

Na produção de vinhos, em Nova Palma em alguns casos, ainda são utilizados materiais de produção do vinho rústicos e coloniais (figura 3), embora tenham incorporando ferramentas novas (como as pipas de plástico e de inox). Evidente que os materiais antigos de madeira apresentam baixa qualidade de higiene, mas preservam a história da elaboração de vinhos.

Figura 3 - Pipa e máquina de moer uva



Fonte: registro de campo (2015)

Estes materiais de vinificação de madeira, em outros casos, não são utilizados na fabricação do vinho, mas são guardados e estão dispostos na paisagem, pois representam a história do vinho e da cultura italiana em Nova Palma. As cantinas são visíveis no espaço, no porão das casas ou em um seguimento a parte da residência, mas com características rústicas.

Ainda, muitos agricultores fabricam o vinho e comercializam com amigos e parentes ou vendem a uva para moradores citadinos de Nova Palma a domicílio ou em feiras. Além disso, o vinho tornou-se uma ferramenta de união familiar, já que eles se reúnem no trabalho de fabricação do vinho e para saboreá-lo.

Além disso, na paisagem vitícola estão presentes outros elementos culturais, como as casas antigas, a igreja, capitéis, galpões de madeira e o forno de barro, que também retratam a cultura italiana sobre o espaço e reforçam a identidade do povo italiano (Figura 4).

Figura 4 -Vinhedos e o forno de fazer pão de barro



Fonte: registro de campo (2015)

Esta prática do cultivo da videira e elaboração do vinho é um registro da cultura italiana, pois faz parte dos ensinamentos adquiridos, com o passar dos tempos, com seus antepassados, especialmente avôs e pais.

Além disso, esta prática aproxima os descendentes de italiano de suas raízes culturais, relembrando histórias e momentos através da memória, ensinamentos e das tradições. O simbolismo que a atividade de produção do vinho representa para os descendentes de italiano fica evidente na lida cotidiana com o vinho e na tradição de consumir a bebida também mostra esta simbologia cultural

O vinho também tem movimentado festas em Nova Palma, dos quais a maioria das festas apresenta o comércio do vinho em garrafinhas pet, assim como vender o refrigerante e a cerveja em latinhas. É oportuno ressaltar que os festivais realizados na região valorizam o vinho e a comida italiana, como Festival do Queijo e vinho em Faxinal do Soturno, a Festa da Uva em Silveira Martins, O Jantar Italiano em Nova Palma, entre outros.

No Jantar Italiano, realizados todos os anos, são servidos pratos gastronômicos típicos da cultura italiana como *fortaia* (estilo de omelete de ovos), radicchi, polenta, galinha ao molho, massas com vinho à vontade e apresentação artísticas da cultura italiana. É comum

também nas comunidades do meio rural de Nova Palma, após a celebração religiosa, a realização do jogo de baralho entre os homens acompanhado de vinho.

Está claro também que a paisagem é o visível e o imaginário, assim a materialidade se dá também através de elementos como a gastronomia, vinho, sentimentos dos moradores deste local, lembranças e histórias contadas pelos mais velhos. Sem dúvidas, este sentimentalismo e memória cultural foram essenciais para que através da preservação das raízes de identidade firma-se uma nova paisagem (MANFIO, 2012). Por isso, as paisagens vitícolas são retrato de uma cultura e seus hábitos. Nas paisagens vitícolas também estão presentes elementos imateriais como: o cheiro do vinho, as memórias e os ensinamentos.

Nas fotográficas antigas que os descendentes de italiano guardam em suas casas e/ou arquivadas em museus e centros de pesquisa, o vinho e a uva estão presentes, retratando períodos passados de cultivo e vindima. Existem outros materiais iconográficos como folhetos, livros e reportagens, cujo vinho aparece como elemento cultural.

Nas paisagens vitícolas de Nova Palma, os vinhedos estão conduzidos no sistema latado, ou seja, em forma de mesa, que é a forma tradicional de apresentação das videiras. Estes vinhedos dividem a paisagem com os demais cultivos agrícolas (soja, milho, feijão) da propriedade. Os vinhedos são de pequena extensão e com a presença de uvas Isabel, Niágara, entre outras.

Em resumo, o espaço novapalmense está marcado por uma paisagem cultural que transmite a identidade do descendente de italiano, suas tradições, modo de vida e afetividade, herdadas culturalmente, dos quais o universo vinícola é um dos elementos dessa paisagem e identificador da cultura e sentimentos dos descendentes de italianos.

5 - Considerações

Na contemporaneidade, o vinho tornou-se um elemento de identidade cultural e memória, principalmente em áreas de colonização italiana, caso da Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, onde a tradição e simbolidade transformam o espaço em paisagens vinícolas, preservadas pelos descendentes de italianos.

Assim, a produção vitícola na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana não representa uma atividade econômica de expressividade comercial, apenas uma

produtividade local e familiar, de caráter cultural. Em Nova Palma, a produção do vinho consiste numa tradição que vai do cultivo da uva até o hábito de saborear o vinho pela família. Ademais, os vinhedos guardam um sentimento de pertencimento e as lembranças dos tempos passados. Além disso, o vinho representa união da família, estabelecendo momentos de socialização nos diversos processos da constituição do vinho.

Dessa forma, é notório que a imigração italiana contribuiu para a vitivinicultura no Brasil e também na formação de paisagens culturais, mergulhadas de sentimentos e artefatos materiais. Estas paisagens, especialmente as vitícolas herdaram uma identidade e memória, resultando numa simbiose cultural-espacial e que permanecerá viva na análise espaço-tempo sendo matrizes da história.

Na paisagem de Nova Palma, os vinhedos são conduzidos na forma de latada, marca da vitivinicultura tradicional, com vinhedos centenários e vinhedos novos, dividindo espaço com outros cultivos agrícolas da pequena propriedade e também outros artefatos culturais. Nos vinhedos, estão presentes elementos imaginários que somente os produtores reconhecem como o cheiro da uva, os sentimentos, a memória, as histórias e ensinamentos dos antepassados. Os vinhos são elaborados artesanalmente, para o consumo familiar, mas repleto de significado, onde a família se reúne para elaborar o vinho e depois para saborear a bebida.

REFERÊNCIAS

BERQUE, A. Paisagem- marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998, p. 84-91.

BOLZAN, M. **Quarta Colônia: Da Fragmentação à Integração**. Programa de Pós-graduação em História, UNISINOS. 2011.

BRUM NETO, H.; BEZZI, M. L. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, Dez. 2008.

BUNSE, H. A. W. **O vinhateiro: Estudo etnográfico - linguístico sobre o colono italiano no RS**. Porto Alegre: UFRGS, 1978.

CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**. Florianópolis, v.5, n.30, p. 34-45, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/14252/13053>. Acesso em: 20 de dez. de 2015.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da EFSC, 2001.

CORÁ, M. A. J. Memória e patrimônio imaterial: formação de identidade a partir dos patrimônios culturais do Brasil. **Revista NAU Social**, v.4, n.6, p. 120-132 Mai / Out 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/rs/article/viewFile/312/250>.

COSTA, C. B. S.; LORETO M. D. S. Família e gerações: os italianos, vinho e cotidiano no Vale dos Vinhedos, Rio Grande do Sul/ Brasil. In: II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. **Anais...**Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DUARTE, T. S.; SALAMONI, G.; COSTA, A. J. V. da. Turismo no espaço rural, práticas locais e imigração italiana: O Caminho Colonial do Vinho, Pelotas/RS. **Rosa dos Ventos**. Caxias do Sul, n. 2, v. 3. jun. 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/issue/view/87/showToc>. Acesso em: 15 de set. 2014.

DUARTE, T. S. A construção das identidades territoriais na fronteira sul do Brasil. **Geographia Meridionalis**. Pelotas. v. 02, n. 01, p. 04–19, Jan-Jun/2016.

FALCADE, I.; TONIETTO, J. Caracterização geográfica das regiões de viticultura no Brasil. In: VII Congresso Brasileiro de Viticultura e Enologia. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 1999, p.45-55.

FALCADE, I. Reflexões sobre paisagens vitícolas no Brasil. In: II Encontro de grupos de pesquisa. **Anais eletrônicos...** Uberlândia, 20-22 jun. 2006. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/engrup/iiengrup/pdf/t55.pdf>. Acesso: 10 out. 2014.

_____. As indicações geográficas e a reorganização do espaço rural brasileiro. In: MARAFON, G.; RIBEIRO, M. A. e RUA, J. (Org.). **Abordagens Teórico-metodológicas da Geografia Agrária**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p. 225-253.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GUTIERREZ, E. GUTIERREZ, R. **Arquitetura e assentamento ítalo-gaúchos (1875-1914)**. Editora UPF: Passo Fundo. 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidades**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAVANDOSKI, J.; TONINI, H.; BARRETTO, M. Uva, vinho e identidade cultural na Serra Gaúcha (RS, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, 6(2), pp. 216-232, mai./ago. 2012.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma - RS. 128f.** 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

_____. A Quarta Colônia de imigração italiana: uma paisagem cultural na região central do Rio Grande do Sul. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 2, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/geografia/article/viewFile/7333/4372>. Acesso: 20 set. 2014

MANFIO, V.; BENADUCE, G. M. C. A Quarta Colônia de Imigração Italiana: a valorização cultural da região. In: XIV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Anais**. Santa Maria, Centro Universitário Franciscano. 10 a 12 de Nov. 2010.

MANFIO, V.; MEDEIROS, R. M. V. Identidade, cultura italiana e vinho: alguns apontamentos. In: XIX Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Anais eletrônicos**. Santa Maria. Centro Universitário. 7 a 9 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/maiseventos/Anais.aspx?id=4AnWLXmkbCE=>. Acesso em: 20 de jan. de 2016.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, p. 163-186, dez. 2010.

RABACHINO, R. **Vocabulário do vinho**. 2ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2010. (Tradução de Paola Tedeschi).

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 1996.

SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia de Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre, EST, 2003.

SCHNEIDER, J. **Quais Brasis?:** Considerações sobre a construção da identidade brasileira (e algumas comparações com Alemanha). Artigo inédito apresentado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2003.